



ORGÃO DA ESCOLA DE APREZIDINES ARTIFICES DE SERGIPE

ANO III

Aracajú, 23 de Setembro de 1936

NUM. 4

O ensino profissional em nossos dias

A SITUAÇÃO DO BRASIL, NO TOCANTE AO ENSINO PROFISSIONAL, MUITO EMBÓRA NÃO TENHA ATINGIDO, AINDA, AS CULMINÂNCIAS DA PERFEIÇÃO, VAI, CONTUDO, EM ESPERANÇOSA PERSPECTIVA DE SE EQUIPARAR A OUTROS PAÍSES DE PRESENTE MAIS RISONHO, QUANTO AO PROGRESSO, NÊSSE PARTICULAR.

E ISTO SE OBSERVA COM A CREAÇÃO DE ESCOLAS PARA ÊSSE FIM, COM A INTRODUÇÃO DE PROCESSOS MODERNOS PARA O SEU APERFEIÇOAMENTO E COM A NOVA ORIENTAÇÃO PARA MELHORAR, MAIS E MAIS, A CONDIÇÃO DO OPERÁRIO, AUSCULTANDO SUA TENDÊNCIA NATURAL, EDUCANDO-O PARA UMA VIDA PRODUTIVA, DE PAR COM OS CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS DE SUA ESPECIALIDADE.

AO OPERÁRIO ESTAVA RESERVADA, SÓMENTE, A AÇÃO PRODUTORA: ELE ERA A MÁQUINA, A FONTE DE RENDA, A EFETIVAÇÃO DOS PLANOS TRAÇADOS PELA CONCEPÇÃO TEÓRICA DOS ESTUDIOSOS. HOJE, COM A ADAPTAÇÃO DO ENSINO PROFISSIONAL ÀS ESCOLAS PRIMÁRIAS, A SUA ATIVIDADE É O RESULTADO CONCIÊNTE DE UM ESTUDO PERSEVERANTE E UTIL.

AS ESCOLAS DE ARTÍFICES TÊM CONTRIBUÍDO PARA A REALIZAÇÃO DÊSSE IDEAL: — FORMAR VERDADEIROS ARTÍFICES, QUE UNAM A TEORIA À PRÁTICA, BRAÇOS A INTELIGÊNCIAS, ASPIRAÇÕES A ATIVIDADES.

A INDUSTRIALIZAÇÃO DESTAS ESCOLAS, TRANSFORMANDO-AS EM FONTE PRODUTIVA DO PAÍS, PARECIA SER UM ENTRAVE À SUA FINALIDADE: O ESPÍRITO ESCLARECIDO E ABNEGADO DE FRANCISCO MONTÓJOS, SUPERINTENDENTE DO ENSINO INDUSTRIAL, PREVÊ O INCONVENIÊNTE QUE PODERIA TRAZER ESSA MEDIDA E ACÓDE PRESSURÓSO A EVITAR SUAS CONSEQUÊNCIAS, RECOMENDANDO, INSISTENTEMENTE, QUE SE AFASTE DAS OFICINAS O OPERÁRIO EXTRANHO E SEJAM APROVEITADOS, QUANTO POSSÍVEL, OS ALUNOS QUE SE DISTINGÜIREM, CONTRIBUINDO, ASSIM, PARA DESPERTAR NO ESTUDANTE ARTÍFICE O AMOR PELA ARTE, O ESFORÇO NA PERFEIÇÃO DO TRABALHO, A EXECUTAR.

7 de Setembro

Amanhecêra o dia...

Tudo era silêncio... Tudo estava tranquilo... A natureza ainda se achava envolvida na penumbra que precede o alvorecer! O firmamento não estava, de todo desprovido de estrêlas!...

No horizonte, já se divulgavam uns vagos clarões, que lutavam com as trevas da noite que morria, para iluminar, completamente, toda a terra; o fresco soprar da brisa balançava os frágeis galhos de "Pau d'arco", despetalando as amareladas flôres, enquanto a sua imagem era projetada no espelho cristalino do rio "Ypiranga". A juriti sacudia sua plumagem, para dar um vôo rápido em busca de alimento; a sabiá soltava o seu grito agudo, despertando a

companheira, enquanto o eco se ia repercutindo na densa folhagem das arvores.

Montado em garboso cavalo, chegou o Príncipe, com comitiva, às margens do Ypiranga. Bandos de garças, alvas como as nuvens que cortavam o espaço, cruzavam-se em irrequieto vôo, como que espantadas pelo extranho movimento que se percebia. Dir-se-ia que algo de anormal se ia verificar... Mensagem que foi entregue ao Príncipe atestou essa perspectiva...

Humilhado ante o Decreto Português á terra farta do Brasil, pródigo em seus tesouros e invejável no talento fugurante de seus filhos, capaz, portanto, de ter vida independente e dirigir-se por si mesmo, o intrépido Príncipe soltou o brado: "Independencia ou Morte".

(Continúa á pagina 4)

EM NOSSO MEIO, QUEIROZ COUTO CONSEGUE ELEVAR A PRODUÇÃO E DESENVOLVER A CAPACIDADE PROFISSIONAL DOS ALUNOS E O SEU EXEMPLO TEM SIDO O PADRÃO PARA A ORIENTAÇÃO DOS QUE O SUBSTITUEM, PELO ATESTADO DA EFICIÊNCIA OBSERVADA.

É ESTA, POIS, A SITUAÇÃO PROMISSORA DE NOSSA TERRA, QUANTO Á FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO, APROVEITANDO AS QUALIDADES DE QUE É DOTADO O MEIO EM QUE VIVE, ORIENTANDO-O, EDUCANDO-O, TORNANDO-O APTO PARA VENCER AS GRANDES LUTAS DA VIDA.

(Composição tipográfica de Editorial Univer de Aracajú, 27, ano de adaptação)

Sergipe Artifice

ANO III Aracaju, 23 - 9 - 1936 NUM. 4

DIA da ARVORE

A natureza é pródiga em encantos, desde o gorgoejo das aves ao tranquilo murmurar dos rios, escorregando-se sobre o leito, ondulando-se ao leve soprar do vento, como uma serpente escâmosa!...

A arvore, porém, transcendendo, em belêza a tudo que foi plantado pela mão divina. Os galhos, com seu indolente movimento, as folhas, com seu harmonioso farfalhar, o trôncio, com sua variada conformação, as flôres, com seus multiplos matizes e delicados perfumes, e os frutos sazoados na sua dupla utilidade de agradar a vista e de servir de nutritivo e saudavel alimento, êste conjunto delicioso integra a perfeição da obra divina, que não seja o homem!...

A arvore é nossa amiga... nela abrimos os olhos para se feirem á luz da vida, nela os lechamos, também, para esquecer as suas amarguras!... Nas alegrias, ei-la imperando pela imponência de suas flôres e pela suavidade de seu perfume... na tristeza, lá está impregnando o ambiênte de um mixto de saudade e de consolo!

Que inconciênte e perversa é a creatura quando, sem necessidade de empregá-la para auxiliar sua existência, maltrata e extermina uma arvore?!...

Colégas, sejamos denodados defensores dessa nossa protetora e amiga: dêla temos o consôrto dos nossos lares, dêla, emos a alegria que empresta ás festas, dêla, nos nutimos, nela, en-

Mais um âno

Mais um âno de vida representa para nós, estudantes artifices, mais uma etapa vencida!...

Um jornal, que diga das nossas aspirações e das nossas necessidades em linguagem própria, embóra que insuficiênte, ainda, para atingir o verdadeiro conceito jornalístico, quase todo redigido, composto e impresso por nós mesmos, é, realmente, um atestado eloquente de um grande esforço e perseverança. Por isso, o crepúsculo de cada âno marca uma aurora de um a vencer, confiados nos puros sentimentos que nos encorajaram na méta percorrida.

Um jornal é, pois, um incentivo para os fracos, um elogio para os que trabalham e confiam e uma repreensão para os descuidados e inativos.

Bem hajam os que nos proporcionam meios de desenvolver a inteligência, fortificar a vontade e amar o trabalho!...

fim, temos o ultimo repouso para o sôno eterno!... Salve 21 de Setembro, dia do amôr, dia da abnegação, dia da caridade, dia da arvore!...

José Dernival de Oliveira,
2º ano complementar

Composição tipografica de Elisario Vieira de Azevedo 5º ano de adaptação.

O MATERIAL de composição é fundido numa liga em que entram principalmente chumbo, antimônio e estanho em proporções variaveis.

A economia

Antonio era filho de um grande industrial. Era filho unico.

Tinha 12 anos só e já gastava dinheiro sem necessidade: tudo que via na rua comprava. Sua casa era cheia de brinquêdos, mas assim mesmo êle não se contentava, e quando via um brinquêdo na loja comprava.

Foi crescendo e gastando cada vez mais, sem dar valôr ao dinheiro. O contrario acontecia ao seu vizinho, um garoto, filho de uma viuva. Chamava-se José. Sua mãe lavava e engomava e êle ia pela manhã e á tarde vender jornais. Quando voltava da vendagem, entregava á sua mãe os tostôes que ganhava. Ambos eram econômicos. José á noite ia para a escola. Viviam felizes. O diretor do jornal teve pena de José e passou-o para cobrador. Ele era trabalhador e ativo. Daí a uns tempos José era redator do jornal e sua mãe não lavava nem engomava mais. Viviam modestamente. O pai de Antonio morreu e a herança que ficou foi para pagar os credores. Ficaram êle e sua mãe na miséria.

A mãe de Antonio empregou-se numa casa e êle foi ao jornal, do qual José era redator, pedir um emprego.

Moral: A ECONOMIA é a BASE da PROSPERIDADE.

Elisario Vieira de Azevedo,
5º ano de adaptação

(Composição tipografica do 5º ano de adaptação Valdimar José Duarte)

Exposição-Feira

Atendendo á determinação superior, esta Escola concorreu para a Exposição-Feira do Trabalho de Menores, em Belo Horizonte, com alguns trabalhos confeccionados, exclusivamente, pelos aprendizes.

O espaço de tempo que limitou a data de inicio á da conclusão para aproveitar a oportunidade do meio de transporte, não os permitiu apresentar trabalhos de maior vulto.

A nossa Escola, porem, rejubilava-se com o ensêjo que se lhe depárou de demonstrar, ainda uma vez, o esforço e a capacidade de seus pequenos artifices.

(Composição tipografica do 5º ano de adaptação Valdimar José Duarte.)

José Vicente Filho

Distinguido com a matricula de estagiário na Escola «Wenceslau Braz»' acha-se, no Rio de Janeiro, o ex-aluno desta Escola, José Vicente Filho.

Esta grande vitória foi motivo de real contentamento para os seus superiores, mestres e colegas, que vêm em José Vicente qualidades que o enobrecem a inteligência viva.

Ao seu embarque, que se verificou no dia 29 de Junho, compareceram o Sr. Francisco Figueirêdo, Diretor interino, corpos docente e dicente, que lhe foram levar os seus votos de felicidade e o adeus de sua saudade.

Carlos Gomes

— Eis o nome do grande musicista, orgulho da terra dos bandeirantes!

Nascido em Campinas, florecente cidade de S. Paulo, a 11 de Julho de 1836, Carlos Gomes foi o gênio musical, cuja fama repercutiu no mundo inteiro!

O estreito ambiênte de sua terra não comportava a grandeza de sua alma de artista, por isso, no Rio de Janeiro e, depois, na Itália, procurou expandir o seu talento musical. Aperfeiçoou-se e triunfou, lutou e venceu!

São inúmeras as suas composições mas, o que lhe deu maior vulto, foi a inspirada peça «O Guarani», sempre nova ao ouvido por mais que se repita e execute.

O seu corpo repousa na terra que lhe serviu de berço, para onde se transportou do Estado de Pará, que assistiu ao eclipse desse astro fulgurante, com as honras devidas.

No transcorrer do centenário do seu nascimento, não somente o Brasil mas quase todas as nações do Velho Mundo prestaram significativa homenagem á sua memoria.

Domingos do E. Santo
(2º. ano complementar)

A Europa, livre do feudalismo, tinha que passar por outras fases não divinais. O tempo mostrava-se bem ridendo para outras tantas conquistas que viriam mais tarde revigorar centenas de raças, que viviam submergidas no mundo das quiméras. Continuariam, portanto, aquêles povos a dar soluços inconsoláveis, antes de se integrar á Idade Média, sucumbindo ás ultimas condições do regimen. E nos confirma, melhor, a condição econômica e social do antigo mundo, antes da renovação espantosa do século XV, do estado deprimido daquêlas gerações, que ora se achavam meio ressurgidas da dolorosa amargura feudalista.

Razão tinha o célebre professor Staffler de Tübingen quando anunciou a grande catastrophe, um dilúvio, que viria sucumbir todo o universo. Essa noticia, que se espalhou logo por toda a Europa, viera comprovar mais tarde, a evolução lenta creada do proprio ciclo europeu.

O caso da Silesia era outro assás interessante: o cataclisma operado nos planetas foi caso de admiração e espanto. A criança nascida com um canino de ouro, diz Horst, explicando áqueles espiritos submergidos na ignorância: era a idade áurea na que seria alicerçada a humanidade, a qual ia viver rindo eternamente.

E quanto mais se estuda a Europa anterior, vê-se esse montão de ruina cingida com círculos de ferro, que só mesmo a lei natural se incumbiria, cronologicamente, de demolir tamanha mon-

tanha de erros, que tanto aféta aos povos.

O que é de admirar é que a Historia se incumbem de coligir, proporcionalmente, êsses dados que formam um todo principal daquêlê alvoroço europeu. Chegaram as primeiras cruzadas. A Asia, terrorista, arvora-se amiga do ocidente: a religião começára quebrar élos daquêlas raças inimigas. O grande Khan de Peking tornou-se amigo de Inocencio IV. E agóra era motivo para os ocidentais ingressarem nessas empresas carissimas, que valiam bem á nova moral entusiastica daquela raça fatigada por tantos séculos de lutas.

O extremo da Asia, no fim do século XII, já era visitada por ocidentais: Jeau du Plau-Carpin, (o franciscano que se tornou bispo de Peking, da parte de Khan-Kublay) Montecorvino, Marco Polo, que escreveu — As Maravilhas Orientais; Nicolo, Mafeo, etc, etc... Mas, no meio de todo o afan ocidental, das riquezas que a Europa, exigua de recursos, ia participar, no século XVI, a dinastia ou familia de luen cai no poder dos Meng. Com isso, o ocidente soffria mais ainda. Acima de tudo, porém, estava o novo brio dos cavaleiros de Aljubarrota. A Europa, sequiosa por conquistas, tomava-se cada vês mais obsidente.

O pensamento moderno era investir pelo oceano ocidental, até ás Indias. D. Henrique, com a fundação da Escola de Sagres, atraiu todos os navegadores e sabios do tempo. E daquêlê cruzada intrépida que iria

VIVER

VIVER É SONHO DOURADO ...
VIVER É LUTA RENHIDA ...
VIVER É PASSO CANSADO,
QUE SE DÁ DURANTE A VIDA !...

HOJE MOÇO, RICO E FORTE ...
AMANHÃ, ENVELHECIDO ...
DEPOIS, DO MUNDO ESQUECIDO, ...
VAI-SE A VIDA, VEM A MORTE !...

... É COMO A FLÔR QUE NASCEU
FRÊSCA E CHEIA DE VIGÔR
E DEPOIS AO CHÃO! MORREU
TRISTE, SÊCA, SEM VALÔR !...

EM 1935

JOSE' DERNIVAL DE OLIVEIRA
(2º ano complementar).

mais tarde enriquecer a Historia contemporanea, com paginas douradas de tão grandes acontecimentos. No espirito do Infante estava a força, a coragem, e, sobretudo, o carater de cavaleiro português.

HUMBERTO MOURA.

(Composição tipografica do 5.º ano do adaptação Elizário Vieira de Azevedo.)

Dr. Lira de Castro

A Diretoria desta Escola foi tristemente surpreendida, no dia II do mês ultimo, com o telegrama da Superintendencia, comunicando o falecimento do Dr. Lira de Castro e determinando o encerramento do expediente, numa justa homenagem á sua memória, tributo de reconhecimento aos grandes serviços prestados ao ensino profissional, quando Ministro da Agricultura, a que, então, pertenciam as Escolas de Artífices.

Ao ter conhecimento desta infausta noticia, o Sr. Diretor interino mandou hastear a meio a Bandeira e, reunindo os alunos, explicou o motivo dessa medida. A professora Leyda Regis, que lhe devia especial gradidão, pediu aos presentes um minuto de silencio, o que foi religiosamente observado.

Paz á sua alma.

Dr. Queiroz Couto

Em tratamento de saúde, seriamente abalada, mas, felizmente, já restabelecida, encontrava-se, até Agosto findo, no seio de sua distinta familia, na visinha Capital Baiana, o nosso presado amigo e ex-chefe, Dr. Queiroz Couto, atualmente Diretor da Escola "Wenceslau Braz".

A sua data natalícia, que ocorreu a 8 de Junho, foi motivo de expressivo telegrama redigido pela sinceridade de expansão dos seus amigos da Escola de Sergipe.

